

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

Recebido em:
08/09/22

Roberto César Fontenele Junior

**A RACIONALIDADE DAS TRADIÇÕES NA TEORIA DE ALASDAIR
MACINTYRE**

Teresina
2018

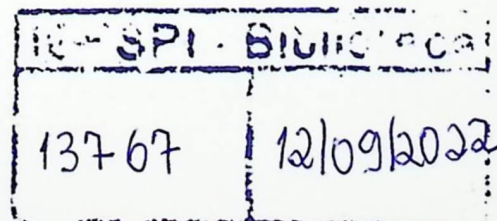
ROBERTO CÉSAR FONTENELE JUNIOR

**A RACIONALIDADE DAS TRADIÇÕES NA TEORIA DE ALASDAIR
MACINTYRE**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Filosofia do Instituto Católico
de Estudos Superiores do Piauí-ICESPI como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciado em filosofia.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Elisângela Amaral

Teresina
2018



6155
100
F683J2

TCC - Filosofia

ROBERTO CÉSAR FONTENELE JUNIOR

**A RACIONALIDADE DAS TRADIÇÕES NA TEORIA DE ALASDAIR
MACINTYRE**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Filosofia do Instituto Católico
de Estudos Superiores do Piauí-ICESPI como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciado em filosofia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Elisângela Amaral

Aprovado em ____/____/____

Banca examinadora

Prof. Ms. Elisângela Amaral (ICESPI) – Orientador

Examinador I

Examinadora 2

É feliz aquele que reconhece
não poder caminhar sozinho.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é o primeiro sentimento que naturalmente surge no coração quando se alcança a vitória em uma luta, quando se supera um desafio, quando se vence mais uma etapa na vida e é movido por esse sentimento que venho expressar por meio dessas linhas minha gratidão. Gratidão primeiramente a Deus por ter me concedido a vida e a graça de me acolher como filho. Gratidão a minha mãe que tanto amo e que, como uma guerreira, lutou ao meu lado, enfrentando junto comigo os desafios que se levantavam contra mim, que com seu carinho, ensino e exemplo me ajudaram a ser o homem que sou. Agradeço ao meu irmão, meu inseparável companheiro, que em todos os momentos da minha vida está do meu lado me encorajando, apoiando, escutando e partilhando comigo a vida. Sou grato a minha madrinha que sempre esteve comigo nos momentos mais difíceis me ajudando da forma que lhe era possível. Agradeço a Arquidiocese de Teresina a qual tenho a alegria e o prazer em pertencer. Minha gratidão a Dom Jacinto Brito que com sua compreensão, amizade e carinho paternal me encorajou a enfrentar com animo e confiança os desafios que surgiam. Ao meu pároco Padre Rivaldo Muniz, a quem chamo carinhosamente de “Paizão”, que com seu exemplo de Padre me inspira e anima no caminho para o sacerdócio, encorajando-me com seu próprio exemplo e palavras a buscar a santidade de vida. Aos meus irmãos arquidiocesanos que são como uma segunda família na qual sou acolhido e amado, em especial aos que comigo conviveram mais de perto neste ano de 2018, na casa São Francisco, Rafael Lacerda, Davi Silva, Wilson Pontes e Miguel Wanderson, que com suas brincadeiras tornaram mais leve e animado esse ambiente que se tornou uma casa de irmãos. Sou grato por todos os professores que compõe o corpo docente do ICESPI pelo exemplo de vida e doação, em especial sou grato a Professora Mestre Elisangela Amaral por me acompanhar nesse trabalho de conclusão de curso como orientadora, pela sua atenção, preocupação e cuidado. Enfim, sou grato a todos que de forma direta ou indireta estiveram ao meu lado, me incentivando e apoiando com sua amizade, carinho e respeito. A todos o meu muito obrigado.

*“A verdadeira oração faz-nos sair de nós mesmos
abrindo-nos às necessidades dos outros”*

(Papa Francisco)

RESUMO

Alasdair MacIntyre é um filósofo escocês contemporâneo que propõe sua teoria ética a partir de uma visão histórica das tradições, ele acredita que a razão humana e sua visão sobre a realidade sempre dependerá da tradição a qual o indivíduo pertence, tudo o que se descobriu até agora e o que haverá de ser descoberto será fruto da ótica de cada tradição, de sua história e de seu contexto. Essa condição histórica influenciará de forma direta a sua razão, pois, todo pensamento, toda forma de pensar precisam de base e esta, para MacIntyre, é a própria tradição. Todo movimento feito pelas tradições foi sempre em busca da Verdade, e é por isso que cada uma, tendo por base todo conhecimento adquirido e toda compreensão do mundo e das realidades, foi se aperfeiçoando a partir de reflexões internas que foram e são de extrema necessidade para que cada tradição permaneça de pé e caminhe rumo ao seu aperfeiçoamento moral e ético. A Verdade é objeto da busca de cada tradição e é conquistada ao longo do tempo quando cada tradição reflete sobre a validade de suas próprias práticas e no conflito com outras tradições percebe suas incoerências e as remove.

PALAVRAS CHAVE: TRADIÇÃO. RACIONALIDADE. VERDADE. CONFLITO.

ABSTRACT

Alasdair MacIntyre is the contemporary philosopher Scottish philosopher who proposes his ethical theory to come from a historical view of traditions, he believes that human reason and its view about reality always will depend on the tradition to which the individual belongs, all that has been discovered so far and what will be discovered will be the fruit of the view of each tradition, your history and your context, every movement made by the traditions was always in search of the Truth and that is why each based on all knowledge acquired and all understanding of the world and the realities was perfected from internal reflections that were and are of extreme necessity so that each keep standing and walk towards your moral and ethical improvement. The truth is the object of the search for each tradition and is conquered over time when each tradition reflects on the validity of its own practices and in conflict with other traditions to realize its inconsistencies and removes them.

KEYWORDS: TRADITION. RATIONALITY. TRUTH. CONFLICT

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 RACIONALIDADE DAS TRADIÇÕES.....	10
2.1 As Regras Morais são Constituídas e Constitutivas da Tradição.....	13
3 A MORALIDADE NA HISTÓRIA	15
3.1 Tradição Aristotélica.....	15
3.2 Tradição agostiniana.....	16
3.3 Tradição tomista.....	19
3.4 Tradição Escocesa (Hume).....	21
3.5 Tradição liberal.....	22
4 A QUESTÃO DO RELATIVISMO.....	25
4.1 O Que é o Relativismo.....	25
4.2 A visão de MacIntyre e o Relativismo	26
CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende a partir do pensamento do filósofo contemporâneo Alasdair MacIntyre tratar da questão da racionalidade das tradições, ou seja, para ele todo pensamento racional e lógico surge dentro de uma tradição. Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, trataremos da racionalidade das tradições como base na qual se firma e se desenvolve a razão humana. MacIntyre entende que a cada tradição na qual o indivíduo está inserido interfere diretamente na forma como este pensa e como vê a realidade na qual está inserido.

No segundo capítulo, apresentaremos as cinco tradições analisadas por MacIntyre em sua obra *Justiça de quem? Qual racionalidade?* A saber, a tradição aristotélica, a agostiniana, a tomista, a escocesa e o liberalismo. Faremos uma exposição de cada tradição mostrando que em cada tradição caminham juntas uma concepção de moralidade e uma racionalidade.

No terceiro capítulo, trataremos da questão do relativismo, tendo em vista que MacIntyre, entende a racionalidade e a moralidade como intrínsecos a uma tradição histórica, é acusado de adepto desta corrente de pensamento. O que para MacIntyre não é aceitável.

MacIntyre entende a verdade como um produto histórico. Em cada período da história e dentro de diferentes tradições as verdades são construídas e justificadas. A verdade está circunscrita na concepção deste filósofo à compreensão que um determinado grupo tem em um momento histórico no qual vive. Por exemplo: Quando era aceito como verdadeiro que a terra era plana, tal crença era verdade para esse grupo. Para compreender as razões de tal compreensão, é preciso conhecer internamente a tradição na qual esta crença faz sentido. Deste modo, diferentes tradições poderiam ter crenças diferentes. Tal afirmação pode nos levar a acreditar que para ele todo e qualquer crença é aceita como verdadeira. De modo que, isso fortaleceria a concepção de que ele é relativista. Mas, a sua compreensão é a de que mesmo que existam múltiplas verdades, existem tradições mais próximas da Verdade que outras, assim como existem conhecimentos adquiridos que são mais verdadeiros que alguns conhecimentos anteriormente tidos por verdade.

Para tal empreendimento o presente trabalho acadêmico terá como principais fontes de pesquisa as obras de Alasdair MacIntyre *Justiça de Quem? Qual Racionalidade?* e *Depois da virtude*. A pesquisa acadêmica do pretendo trabalho monográfico terá como ponto de partida a reunião de fontes de pesquisa tais como livros, artigos, revistas, sites, vídeos entre outros em seguida será feita a leitura e fichamento das ideias. Posteriormente, segue-se a construção do trabalho acadêmico objetivo de toda a pesquisa.

2 RACIONALIDADE DAS TRADIÇÕES

Para o filósofo escocês Alasdair MacIntyre a tradição é o fundamento de qualquer racionalidade, como um edifício que precisa de suas fundações para se firmar e ter um ponto de partida para se erguer e se sustentar, pois é tendo como base a tradição que estabelece os acordos, as crenças e as verdades de um grupo.

É no campo da tradição que a racionalidade se constitui, pois a visão que se tem da realidade será sempre condicionada pela ótica da tradição a qual o indivíduo pertence. As tradições, ao contrário do que defende o iluminismo, não são na visão de MacIntyre algo estático e desprovido de uma racionalidade, pelo contrário estão sempre em constante desenvolvimento rumo a seu aperfeiçoamento. Esse desenvolvimento se dá no conflito entre tradições diferentes quanto também acontece no interior da própria tradição. Assim, na visão de MacIntyre uma tradição é:

Uma argumentação, desenvolvida ao longo do tempo, na qual certos acordos fundamentais são definidos e redefinidos em termos de dois tipos de conflito: os conflitos com críticos e inimigos externos à tradição que rejeitam todos ou pelo menos partes essenciais dos acordos fundamentais, e os debates internos, interpretativos, através dos quais o significado e a razão dos acordos fundamentais são expressos e através de cujo progresso uma tradição é constituída. (MACINTYRE, 1991, p.23)

MacIntyre aponta nesse conceito de tradição que o conflito acontece no campo racional e argumentativo, pois para ele a tradição é a própria argumentação gerada no seio da história e fruto de seu contexto. Só compreenderemos uma tradição se buscarmos conhecê-la dentro de sua história, dentro dos acontecimentos que as formaram, pois toda prática incorporada por uma tradição surge por uma razão plausível e não de um puro acaso, porém isso não impede que em algum momento da história aquilo que a tradição tinha como verdadeiro passe a ser rejeitado, por não responder mais satisfatoriamente aos critérios éticos e morais que a tradição foi adquirindo.

Essas incoerências se tornam mais claras à medida que uma tradição confronta-se com outra. Isso faz com que ela perceba suas contradições internas e a partir desse conhecimento pode remover aquilo que não tem mais validade, ou seja, pode alterar suas crenças. É interessante notarmos que para MacIntyre essa mudança dos padrões de racionalidade ocorre não somente a partir dos conflitos entre tradições, mas também no interior de cada uma delas podem ocorrer. Assim, a própria tradição em questão deverá perceber essas incoerências e removê-las, pois tais incoerências fragilizam uma tradição e a tornam o "argumento" frágil e

insustentável diante dos conflitos, podendo levá-la até mesmo a extinção se a incoerência for a base na qual a tradição se apoia e assim como um edifício com o alicerce mau construído a tradição ruirá.

Tomemos o exercício especulativo como exemplo: imaginemos uma mulher que está à procura de um marido em quem possa acreditar e confiar; ela se apoia em tudo o que ele afirma, ela se casa com ele e nascem os filhos, com o tempo e com os questionamentos que vai fazendo a ele, percebe incoerências e vê que construiu sua vida sobre muitas afirmações falsas, nas quais acreditava e repassava aos seus filhos. A mulher vê-se diante de uma situação insustentável, pois teme que, se ela permanecer nesta situação (apoiada em valores e antigas verdades que não respondem mais a um modo de viver que ela no momento vê como melhor e repassa aos filhos), os seus filhos, com o tempo, também perceberão que tudo era falso e tudo o que aprenderam de seus pais não passa de mentira, então a mãe vê-se obrigada a separar-se do marido, pois, se permanecer com ele prevê que toda sua família se dividirá e os filhos irão se perder e se dispersar. Então, a solução que encontra é convencer o marido, fazê-lo mudar suas crenças para que sua família não se perca ou procurar um marido que seja coerente e verdadeiro com ela e com os filhos, sendo assim, ela terá estabilidade e sua família permanecerá unida e terá uma grande descendência construída sobre o alicerce da verdade.

Essa mãe seria a tradição que constitui suas crenças e por muito tempo apoia-se nessas crenças. Tais crenças vão gerando uma descendência, porém, aos poucos tais crenças passam a ser questionadas e surgem incoerências entre as crenças que tinha com a sua leitura da realidade atual. Por esta razão ela muda e ao mudar contribui para que a tradição mude por meio da descendência que deixa. Compreendemos então que para uma tradição se consolidar ela deve “ser capaz de superar seus conflitos internos, mantendo-se aberta ao diálogo com outros pontos de vistas e conseguindo responder devidamente às críticas oriundas dos mesmos. Assim essa tradição se mostrou capaz de fazer um progresso racional rumo ao seu fim” (DAMASCENO, 2010, p.54). Para tanto, é necessário por parte da tradição abertura aos outros pontos de vistas divergentes para que, a partir do conflito, ambas consigam dar passos e aperfeiçoem sua visão moral e de mundo.

As questões relativas a compreensão que se tem da justiça e da racionalidade faz surgir vários debates, pois existem várias concepções divergentes sobre essa questão, cada tradição responde de uma forma diferente conforme aquilo que acredita ser o agir mais justo e racional. Os conflitos são motivados pelo grande número de posicionamentos contrários em relação ao tema da justiça, e não só da justiça, mas de todo agir humano, pois o que para uns seria a justiça para outro já não seria, a justiça diante das discursões, por exemplo, sobre o aborto, para uns

seria justo que a mãe decidisse abortar o próprio filho tendo em vista o direito que ela tem sobre o próprio corpo, porém para outros isso é um atentado contra a vida e a dignidade humana, MacIntyre em sua obra *Justiça de quem? qual racionalidade?* propõe a seguinte discursão:

A justiça permite grande desigualdade de renda e propriedade? A justiça exige ação compensatória para remediar desigualdades resultantes de injustiça passada, mesmo se aqueles que pagam os custos de tal compensação não tenham tomado parte na injustiça? A justiça permite ou exige a imposição da pena de morte e, se sim, para que ofensas? É justo permitir o aborto legal? Quando é justo entrar em guerra? A lista de tais questões é longa. (MACINTYRE, 1991, p.11)

Essas palavras fazem-nos perceber um número muito grande de questionamentos que surgem em nossa sociedade, pois parece não haver mais parâmetros para decidir entre uma posição e outra, não parece haver consenso, mergulhamos assim em um mar conflituoso cheio de certezas particulares naquilo que deveria ser a atitude mais racional e justa. Conforme comenta Lauro (2015, p. 49): “O resultado dessa situação de desacordos intermináveis é que, na cultura em que vivemos, os temas relacionados à justiça e à racionalidade prática são abordados como algo próprio de afirmações e refutações derivadas de premissas incompatíveis”.

Para MacIntyre, encontrar uma forma de avaliar objetivamente e decidir qual a tradição responde melhor diante dos questionamentos que elas propõem responder, é preciso entender a lógica de constituição das tradições. Ele explica tal lógica da seguinte forma: toda tradição necessita passar por três estágios de desenvolvimento inicial. Esses estágios como afirma MacIntyre são:

Um primeiro, no qual as crenças, textos e autoridades relevantes ainda não foram questionados; um segundo, no qual vários tipos de inadequações foram identificadas, mas não ainda solucionadas; e um terceiro, no qual a reação a tais inadequações resultou numa série de reformulações, reavaliações, novas formulações e avaliações concebidas, a fim de solucionar as inadequações e superar limitações. (MACINTYRE, 1991, p.382)

Nesses três estágios iniciais há a oportunidade de cada tradição refletir sobre suas práticas, seja essa reflexão e questionamento feito internamente por seus adeptos ou quando no conflito, como ocorre no segundo estágio em que a tradição entra em conflito com as ideias vindas de outra tradição. Tal conflito faz com que a tradição coloque em questão os seus princípios, valores, crenças, sujeitando-os a mudanças. Um outro caso, a tradição pode ainda sair vitoriosa do debate, isso contribuirá para que tais crenças consolidem-se e a tradição fortaleça-se. No terceiro estágio a nova tradição consolida-se conhecer o processo de

constituição da tradição é importante porque faz com que percebamos que tais crenças, sobre a racionalidade e a justiça, são constituídas na história dessas tradições que carregam tais crenças e que elas desenvolvem-se no conflito.

2.1 As Regras Morais são Constituídas e Constitutivas da Tradição

Como vimos os padrões de justiça, as regras morais constituem-se na história da tradição a qual pertencem, assim é por meio dessa tradição que elas manifestam-se, não de uma mesma forma, mas em cada tempo e lugar percebe-se perspectivas morais diferentes. Portanto, a moralidade não possui um padrão universal a ser seguido pois:

A moralidade que não for moralidade de determinada sociedade não se encontra em lugar nenhum. Existiu a “a moralidade da Atenas do século IV”, existiu a “moralidade do século XIII no oeste da Europa”, existiram inúmeras moralidades, mas onde terá existido ou existe a moralidade como tal? (MACINTYRE, 2001, p.446)

A moralidade só pode ser percebida quando manifesta-se e, sua manifestação, dá-se em cada tempo e lugar de uma determinada forma, assim como existem várias tradições existem também várias compreensões de moralidade, cada tradição possui sua forma de ver o agir moral e cada indivíduo pertencente a tradição adere a tal agir crendo estar agindo de forma moralmente correta. A moralidade não existe senão expressa no agir humano e isso se dá dentro da história e cultura de cada um, em cada tempo e lugar percebemos de uma forma diferente, pois a moralidade é vista e vivida de diferentes formas, dependendo da visão que cada tradição possui dela e com o tempo a vai desenvolvendo.

Já que as tradições possuem critérios de verdade justificados interiormente, não podemos, de acordo com MacIntyre, julgar uma tradição com os critérios morais de outra, cada tradição deve ser avaliada moralmente a partir de seus critérios. Cada moralidade é justificada no interior de uma tradição que possui argumentos racionais para legitimá-la. As verdades morais que são plenamente aceitas dentro de uma tradição podem ser rejeitadas por outra, como cada ponto de vista moral foi formado no interior da tradição ao longo da história e possui um significado lógico e plausível MacIntyre acredita que somente através da pesquisa histórica se pode entender a origem e o porquê das crenças de cada tradição afirmando que:

Nossa sociedade é um emaranhado de ideias conflitantes e de variadas concepções da realidade e da ética, tendo em vista que é formada por uma série de tradições fundamentadas em tradições distintas, com padrões de racionalidade também distintas. Cada tradição constitui uma forma de pesquisa, pois diante de cada evento histórico a que a tradição foi enfrentando,

ela foi adquirindo conhecimento ao longo do tempo e aperfeiçoando sua compreensão de mundo, ou seja, a tradição de modo algum aprisiona e nem fecha o indivíduo pertencente a ela em uma compressão de mundo, mas é o ponto de partida para que se dê um salto e transcenda aquilo que se tinha de conhecimento até então, pois, a tradição é necessária para esse processo e cada uma guarda e acumula ao longo de sua história os conhecimentos adquiridos e com esse conhecimento adquirido constitui-se enquanto tradição, se desenvolve e cria novas categorias de compreensão de mundo. Na visão de MacIntyre essas diferentes formas de pesquisa, mesmo que diferentes, estão em busca de um mesmo objetivo que é a verdade. Todos os avanços que aconteceram ao longo do tempo dentro da técnica e da ciência vieram desse avanço das tradições pelo conhecimento adquirido e aperfeiçoado por elas. A diversidade de tradições longe de ser um problema é antes múltiplas formas de pesquisa e com isso um contributo maior para o avanço científico e tecnológico e não somente nesses campos, mas também em todos os aspectos que se possa crescer.

Como afirma MacIntyre “A racionalidade de uma pesquisa constituída pela tradição e constitutiva dela é, essencialmente, uma questão do tipo de progresso que ela faz, através de vários estágios bem definidos.” (MACINTYRE, 1991, p.380) com isso MacIntyre quer afirmar que cada racionalidade é inerente à uma tradição, mas que de certa forma ganha autonomia diante dela, pois ao questionarmos os critérios e a racionalidade de uma tradição as práticas que constituem esta são colocadas em questão e muitas vezes sofrem modificações. Isso porque é próprio da racionalidade apoiar-se sobre algo lógico e verdadeiro. A exigência de racionalidade é exigida da tradição, portanto, a tradição não restringe e nem limita a razão e sim a ajuda em seu desenvolvimento como um degrau pelo qual a razão se apoia para se elevar e enxergar mais longe e melhor.

3 A MORALIDADE NA HISTÓRIA

O ser humano possui um atributo que o diferencia dos outros seres essa particularidade o distingue. A racionalidade torna o indivíduo capaz de julgar seus próprios atos e dos demais sob os seus critérios éticos e morais. Quanto mais o ser humano age conforme sua racionalidade mais ele vai distinguindo-se dos seres irracionais que agem puramente movidos por seus instintos sem julgamentos morais sobre si ou sobre os outros. Mas a moralidade e a racionalidade, na concepção de MacIntyre, não possui um padrão universal. Ao longo da história, vários padrões morais foram se formando, concepções diferentes de racionalidade, em cada tradição existem padrões éticos particulares, diante de tantas concepções de racionalidade muitos filósofos éticos dedicaram-se a apresentar um critério para julgar o agir moral:

Ser racional na prática, um grupo afirma, é agir baseado em cálculos de custos e benefícios, para si mesmo, de todos os cursos de ação possíveis e suas consequências. Ser racional na prática, afirma um grupo contrário, é agir sob restrições tais que qualquer pessoa racional, capaz de uma imparcialidade que não concede nenhum privilégio particular aos interesses próprios, concordaria que devem ser impostos. Ser racional na prática, diz um terceiro grupo, é agir de maneira a alcançar o último e verdadeiro bem dos seres humano. (MACINTYRE, 1991, p.12)

MacIntyre em sua obra *Justiça de quem? qual racionalidade?* nos apresenta algumas tradições de grande relevância na história da ética, dentre elas falaremos em nossa monografia das tradições: aristotélica, agostiniana, tomista, escocesa e o liberalismo como forma de tradição.

3.1 Tradição Aristotélica

Aristóteles pensa a racionalidade tanto no campo prático como teórico, agir de forma racional para ele dependerá não somente do sujeito que pratica a ação, mas de vários outros fatores como: a idade; o lugar em que se encontra a cultura a que se pertence, tendo porém, como finalidade da ação sempre o bem comum, o coletivo e não somente o particular e privado, por interesses de si ou de um grupo fechado, ou seja, para Aristóteles não existe um padrão de ações e reações para cada situação. A causa pela qual algo está sendo realizado deve ser boa e eficiente naquilo que se propõe, disso depende a racionalidade na visão aristotélica, pois sem boas causas nenhum agir humano pode ser considerado verdadeiramente racional, as circunstâncias é que determinarão se tal agir foi racional ou não, pois um agir não será correto

em todas as situações cabe ao agente da ação, dentro da situação, julgar qual será a melhor resposta àquela situação

Segundo Aristóteles, o indivíduo terá de raciocinar a partir de alguma concepção inicial do que é bom para ele, sendo o tipo de pessoa que é circunstanciado de um modo geral, e avançar em direção à visão mais bem fundamentada que puder descobrir quanto ao que é bom como tal, para os seres humanos como tais; e aí terá de raciocinar a partir da compreensão do que é bom e melhor como tal, visando a uma conclusão sobre o que é melhor para ele realizar aqui e agora na sua situação particular. (MACINTYRE, 1991, p.140)

O indivíduo pensará por ele mesmo e avaliará a situação segundo seus próprios critérios, mas para aquilo que a pessoa acredita ser o mais plausível racionalmente, diante daquilo que se julga ser o melhor a ser feito, o indivíduo pode ser levado a cometer o erro de preferir aquilo que aquilo que seja um bem imediato, de agir conforme os apetites. A dificuldade para Aristóteles do agir racional estaria em vários fatores como, por exemplo, na imaturidade dos jovens que muitas vezes preferem aquilo que lhes traz uma satisfação imediata e, por isso, acabam julgando e agindo de forma mais instintiva que racional.

Se os desejos de uma pessoa não são de fazer aquilo que a razão mostra como o melhor para ela, ou se suas disposições para agir não são organizadas e dirigidas sistematicamente para servir a tais desejos pelos fins propostos pela razão, essa pessoa poderá ser movida por considerações que distraem sua atenção ou fazem-na ignorar o que sabe ser o melhor, e assim o que faz não será o que é melhor nem mesmo o que é bom para ela. (MACINTYRE, 1991, p.141)

A pessoa assim não deve buscar aquilo que seja do seu agrado, aquilo que agrada o seu ego seus impulsos instintivos devem ser capaz de renunciar a todo instinto para ser feliz e agir corretamente pois o instinto, o bem não será alcançado quando se busca os próprios interesses egoístas, a razão deverá guiar o agir e não se submeter aos impulsos do instinto. O mau existente nas relações está no apego ao próprio querer, buscar o bem é uma tarefa árdua. O Bem que norteia a vida ética, para Aristóteles, é o Bem comum, o bem da *pólis*. É buscando esse bem que o homem desenvolve as virtudes necessárias.

3.2 Tradição agostiniana

Na visão agostiniana a justiça possui padrões universais e inalteráveis, independente do tempo ou lugar. Cada indivíduo pensa sempre a justiça da mesma forma, isso se dá porque a

concepção de justiça foi colocada por Deus em cada ser humano e essa lei interna guiará os passos de cada pessoa e lhe servirá de critério para saber se a forma como está agindo em cada situação é a mais correta, e, para isso, basta comparar aquilo que se faz com esse padrão de justiça que está dentro de cada pessoa. Esse padrão, porém, deve ser percebido por cada um. O indivíduo deve tomar consciência daquilo que traz em si. As pessoas muitas vezes querem buscar satisfazer seus desejos pensando que assim estão indo de encontro com a felicidade, mas para Agostinho isso é um equívoco. Cabe à vontade direcionar nossos desejos para uma sadia ordem, mas não basta que haja um ato conforme a justiça, se esse ato não for em vista da própria justiça divina, pois o homem pode ser levado a agir de forma correta, mas movido por um egoísmo, um amor por si e não por amor a Deus; e sua justiça, não somente as ações, mas essencialmente o que move o agir é o que justificará a ação e dará a ela o valor de um ato racional, quando nossas ações são expressão de nosso interior e deixamos nos mover por essa lei.

Jesus na visão de Agostinho seria o modelo perfeito a ser seguido e imitado, agindo como Jesus teríamos a certeza de estar agindo conforme a justiça de Deus. Justiça essa que clama dentro de nós por nossa adesão, nesse percurso que o homem tem de perceber essa lei interna da justiça. Quando o homem percebe ser amado por Deus ele será impelido a amar de volta, e o fará vivendo conforme essa lei que está gravada por Deus em seu coração. Se está amando o próprio Deus e é esse amor que deve motivar cada ação. Se o homem age de forma correta, mas não movido pelo amor a Deus e sim movido por um amor egoísta de si mesmo isso macula o agir humano e o torna menos perfeito, pois não tem sua raiz no verdadeiro amor que deve ser o motor do agir humano, pois o homem deve agir não de forma aparente, mas o seu interior deve estar em pleno acordo de amor a Deus e suas leis, o homem tem a tendência de agir confiado em si mesmo e não em Deus. Agostinho toma como exemplo de uma falsa justiça a justiça da Roma pagã, pois a justiça dos pagãos não tinha com motivação o amor de Deus e de sua justiça a esse respeito MacIntyre escreve:

O que a história da Roma pagã exemplificava, portanto, não era a justiça, mesmo quando as ações dos romanos se conformassem exteriormente àquilo que a justiça exige. Pois os romanos pagãos eram movidos por um orgulho e não por amor a Deus. Consequentemente, quando sua autoglorificação só podia ser alcançada, ou era melhor alcançada através da injustiça declarada, eram levados, pelo orgulho, a desprezar as exigências da justiça, principalmente na conquista e opressão de outros povos. (MACINTYRE, 1991, p.170)

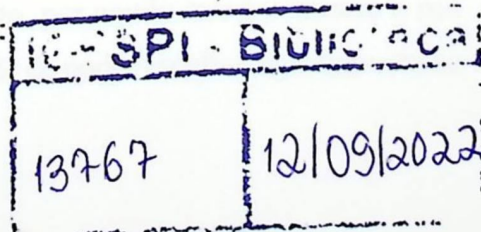
Nessa citação MacIntyre mostra como Agostinho vê a moralidade pagã, segundo este, a justiça no povo romano pagão não é perfeita (não é justa), apenas a dos cristãos pois deixaram

de lado o amor por Deus que é o que torna o agir realmente justo, pois, para Agostinho quando se busca a própria glória e não a de Deus se macula a justiça praticada pela cegueira causada pelo orgulho, tornando-se assim o homem injusto. Todo egoísmo gera injustiça e todo amor a Deus gera um agir justo. O homem vive assim esse dilema, está diante de si duas alternativas, a sua própria justiça sua própria vontade egoísta e cheia de orgulho ou optar por agir segundo a lei do amor e da justiça que descobrirá dentro de si, lei que o levará a felicidade e a satisfação plena, esses dois amores opostos, o amor de si e desprezo de Deus e o amor de Deus e desprezo de si Agostinho compara com:

Duas cidades, cada uma com sua própria história: a Cidade do Homem, cujo primeiro fundador foi Caim e cuja exemplificação final era a Roma pagã, e a cidade de Deus. A primeira foi fundada e refundada sobre a vontade humana perversa, que dirige os desejos para outras coisas que não sua verdadeira felicidade; a segunda foi fundada sobre o dom da graça que permite à vontade escolher livremente o que, de fato, a levará à sua verdadeira felicidade. (MACINTYRE, 1991, p.171)

A Cidade do Homem, na visão agostiniana, representa o homem fechado em si mesmo, incapaz de ser plenamente feliz, porque é incapaz de se abrir ao amor de Deus, pois, para Agostinho, a vontade humana tende para as coisas más e negativas, se não orientadas para o amor esse egoísmo torna a vontade humana prisioneira, ela limita o agir do homem impedindo-o de encontrar a verdadeira liberdade no amor, mas para que o homem aja conforme a justiça ele deve exercitar sua vontade na direção daquilo que seja o bem, perceber nas situações que a ele se apresentam para escolher naquilo que percebe o que seja melhor conforme a justiça.

Agostinho chama atenção para o fato de que muitas vezes apesar do homem desejar o bem ele acaba praticando o mau. Nestes casos, a vontade para Agostinho está desordenada e, por isso, o homem já não tem domínio sobre si e já não é tão livre quanto antes. O homem carrega a culpa de Adão que optou pelo mal e não pelo bem, deixou de amar a Deus para direcionar a vontade para o amor próprio e egoísta. A liberdade que o homem antes tinha foi perdida, liberdade dada por Deus. Segundo Agostinho, Adão perde a capacidade de retomar sua liberdade e com isso depende somente de Deus, pois somente Ele poderia devolver a liberdade da vontade perdida na escolha do mau. É necessário, por tanto, que a vontade encontre sua direção novamente. Na visão agostiniana, tudo o que o indivíduo constrói de conhecimento e compreensão da retidão e do correto agir, o ajuda a direcionar seus passos, serve como uma direção, mas que não necessariamente o indivíduo a siga, mas a tem como parâmetro de suas ações. Sendo assim, as ações tendem sempre a serem guiadas para aquilo que o indivíduo julga ser o certo, conforme comenta MacIntyre sobre Agostinho:



A racionalidade da reta ação – e a reta ação realmente, segundo Agostinho, conforma-se aos padrões racionais fornecidos pelas formas que o intelecto apreende – não é seu determinante principal, mas uma consequência secundária da reta vontade. Desse modo, a fé que inicialmente move e informa a vontade é anterior à compreensão; o que a compreensão pode fornecer é uma justificação racional por ter inicialmente acreditado ou feito o que a fé determinou, mas tal justificação deve sempre ser retrospectiva. (MACINTYRE, 1991, p.173)

Tudo que se pratica tem influência daquilo que se apreende, a fé se antecipa a razão e direciona a vontade para aquilo que é reto sem, porém, dar razões para aquilo que está sendo sugerido, cabe à razão justificar o agir de forma lógica e convincente para que o indivíduo não sinta estar fazendo algo irracional e contrário a sua própria natureza. Nesse sentido, Agostinho acredita que o papel da razão é secundário diante da fé.

3.3 Tradição tomista

Tomás de Aquino acreditava que existia uma lei básica em todo ser, esta lei era inata, uma lei básica que guiava seus passos para a retidão e a justiça. Esta lei não era, segundo Aquino, a consciência no sentido de distinguir entre o bem e o mal. Seria algo que não pudesse ser apagado e tão pouco distorcido independente das circunstâncias ou local onde o indivíduo se encontrasse. Para a distinção entre essas duas realidades, ele usa dois conceitos de origem latina são eles: a '*conscientia*' e a '*syneidesis*'. A *conscientia* se refere a capacidade que o homem tem de distinguir entre o bem e o mal, essa consciência pode ser distorcida e a compreensão que se tem do bem ou do mal ficaria sujeita ao tempo, a cultura e a tradição. O mesmo não ocorre com a *syneidesis* que é a consciência regida por uma lei básica e interna a cada indivíduo, lei essa que é universal e está presente em todos sem alteração e não está sujeita a variações por causa do tempo, tradição ou lugar permanecendo intacta mesmo após milhares de anos.

Desse modo, os comentadores queriam uma palavra para aquilo que é indelével, que sobrevivesse mesmo no pior ser humano, para distingui-lo da consciência do bem e do mal que pode ser suprimida, '*synderesis*' sendo utilizada para o primeiro, '*conscientia*' para a segunda. (MACINTYRE, 1991, p.202)

Ele acredita que a "*synderesis*", essa lei básica e interna da consciência, "deve talvez ser classificada como uma potencialidade particular da razão" (MACINTYRE, 1991, p.203). Isso não quer dizer que o homem vai sempre agir sob essa lei, porque ele pode de alguma forma ser levado por suas paixões a rejeitar aquilo que é justo e certo, por aquilo que é contrário a sua consciência, essa consciência não tira do homem a liberdade de poder escolher agir segundo as

paixões ou segundo a lei de sua razão. Se utilizando da lógica para avaliar o agir humano segundo os parâmetros da consciência, seria possível a consciência errar diante de uma situação em que se colocam premissas verdadeiras e falsas confundindo o julgamento do indivíduo. Ele não poderia se confundir caso seguisse a lei da *synderesis*. Essa é lei infalível e imutável dentro de nós. Mas, ao mesmo tempo em que essa consciência é segura e infalível, ninguém está isento de falhar e de falhar de forma grave mesmo quando busca seguir essa lei. Em relação a isso, na visão de Tomás,

Podemos distinguir entre os dois tipos de “dever”. Uma pessoa é coagida *per se* a fazer o que a *conscientia* determina, quando a *conscientia* determina, quando a *conscientia* julga erradamente (17,4). Desse modo, quando a pessoa que julga o que deve fazer, baseada num pronunciamento falso da *conscientia*, é verdade que é determinada e deve agir de tal modo *per accidens*, mas não é verdade que seja determinada e deva agir *per se*. (MACINTYRE, 1991, p.204)

A base de todo agir moralmente correto, segundo o pensamento tomista, é de que todo agir racional deve estar de acordo com a *syneidesis*, tudo que for formado como juízo ou crença deve estar de acordo com essa lei que é imutável e infalível, pois os juízos formados pela consciência podem falhar e estarem em desacordo com a *syneidesis*, quando isso ocorre podemos afirmar que tal juízo é contraditório e não corresponde a um agir moral e racional. A *conscientia*, na visão de Tomás, é formada ao longo do tempo e da história a partir de ensinamentos recebidos dentro de uma tradição e de juízos formados por meio de fragmentos de regras morais que nem sempre estão de acordo com a *syneidesis*, e quando elas não estão de acordo com a *syneidesis* entram em contradição, pois:

Segundo Sto. Tomás, alguém que aceitou como verdadeiro um falso pronunciamento da *conscientia* deve ter admitido uma contradição no seu conjunto de crenças e juízos morais, uma vez que o juízo falso da *conscientia* será inconsistente com algum princípio afirmado pela *synderesis*, ou alguma consequência desse princípio. (MACINTYRE, 1991, p.204-205)

Nesse caso, a visão tomista aponta que, como a *conscientia* é responsável por julgar aquilo que é verdadeiro e o que é falso, pode ocorrer que diante das realidades a *conscientia* julgue que algo que é correto seja falso, gerando assim incoerências dentro de suas crenças, ou seja, a raiz de todas as incoerências está na falta de correspondência entre o julgamento da *conscientia* com a *syneidesis*, pois a *conscientia* está sujeita a falhas e, por isso, deve ser amparada e guiada pela *syneidesis* para que não se desvirtue. Quando há equívocos por parte da *conscientia*, isso se dá pelo seu afastamento dos parâmetros e princípios da *syneidesis* que é regida pela lei imutável e universal. Assim, como a constituição de um país é a base para todas

as leis, assim acontece com a *conscientia* em relação a *syneidesis* que deve servir de base e parâmetro para a *conscientia*.

3.4 Tradição Escocesa (Hume)

Para falar da Tradição escocesa MacIntyre analisa a ética humeana. Tendo em vista que este é um dos principais representantes desta, MacIntyre acredita que as paixões são as forças que movem a vontade. “Para Hume, um esforço da vontade não é nada mais do que um efeito da dor ou do prazer que dá origem, imediatamente, às paixões diretas”. (MACINTYRE, 1991, p.323) Todo agir é, segundo Hume, impulsionado por uma paixão. Assim, o indivíduo se vê motivado a agir e esse movimento é gerado pelo apelo das paixões que tanto impelem através daquilo que nos causam satisfação e prazer como nos afasta e incomoda como as sensações desagradáveis como, por exemplo, a dor e a tristeza.

O que constitui as paixões, diretas ou indiretas, são impressões de um tipo determinado e são elas que geram a ação. Assim como nada além de uma paixão pode produzir uma ação, nada pode inibir uma paixão a não ser uma outra paixão. O tipo mais importante de conflito que pode ocorrer entre paixões é o conflito entre uma paixão calma e uma violenta. (MACINTYRE, 1991, p.323)

Sendo assim pode se perceber que a paixão tem um papel importante na gênese da ação, mas que para ser aplacada será necessária outra paixão contrária. Como ele entende que a paixão é a única coisa que pode mover a pessoa, sem ela o indivíduo permaneceria em um estado de inércia. A paixão traz uma inquietação capaz de gerar movimento no indivíduo, a paixão moverá a pessoa a um agir até que ela esteja diante de outra paixão que fará cessar a primeira paixão. Diante disso, Hume faz a distinção entre dois tipos de paixão: uma que chama de paixão calma e a outra de paixão violenta. As paixões calmas “são paixões dirigidas a certos tipos altamente gerais de bem, do tipo que os seres humanos tendem a perseguir recorrentemente durante suas vidas”. (MACINTYRE, 1991, p.323) São instintos presentes em nossa natureza como: benevolência, amor pelas pessoas, amor pelo bem, repulsa pelo mal, bondade, caridade. Hume entende que todo ser humano precisa das paixões como um motor que move o ser em direção ao bem se for bem direcionado, pois assim como existem as paixões calmas que nos levam ao bem existem as paixões violentas que nos distanciam do bem, pois:

As paixões violentas, ao contrário, são expressas em fortes reações imediatas a situações particulares, tais como quando somos insultados por outros ou quando sofremos a ameaça de algum mal grave. Elas nos tornam indiferente a ‘toda

consideração pelo prazer ou por alguma vantagem para mim mesmo'. Logo, consideramos uma virtude, a virtude da força da mente, cultivar e incentivar as paixões calmas, afim de que inibam as paixões violentas. (MACINTYRE, 1991, p.323)

As paixões violentas na visão de Hume são reações irrefletidas que vem à tona como resposta a alguma situação que nos incomoda e desagrada, reações violentas que tem no fundo a defesa da honra, da moral e da integridade de quem é ameaçado gravemente. Essas paixões não têm em vista a busca egoísta por nenhum bem individual, particular, mas apenas reações imediatas contra quem de alguma forma nos quer prejudicar. Por isso, Hume diante desses dois tipos de paixão adverte que as paixões calmas devem ser cultivadas e incentivadas dentro de nós, enquanto que as paixões violentas devem ser combatidas para que o sujeito possa estar em um estado de tranquilidade diante de qualquer adversidade, pois na visão de Hume as paixões violentas devem ser combatidas e a única forma de combatê-las é por meio das paixões calmas. Pois, na visão de Hume uma paixão só pode ser vencida por outra paixão, de modo que devemos buscar sempre as paixões calmas para combater e afastar de nós as paixões violentas.

MacIntyre afirma que dentro do pensamento humeano a razão não possui um papel determinante para a ação. Podemos raciocinar sobre muitas coisas, porém nada disso nos levará a ações concretas. Podemos julgar a partir da razão, a validade e a verdade daquilo que acontece e do que está a nossa volta, por isso toda a razão humana é sempre movida por uma paixão. O que move a busca pelo conhecimento, segundo Hume, é o prazer na realização da investigação e não a verdade em si mesma. Apesar da razão ser capaz de julgar as paixões não pode afirmar verdades ou falsidades, pois, as paixões são uma realidade distinta da razão e não possuem compromisso com a razão em nossa vida, pois não cabe às paixões julgar nada, nem a si mesma, pois esse é um papel da razão, as paixões somente existem e impulsionam o agir humano, cabe a cada um agir conforme sente ser a forma certa de agir, não será a paixão que determinará o nosso agir, ela apenas sugere e interpela-nos a agir impulsionados por ela.

3.5 Tradição liberal

A tradição por vezes pode ser mal compreendida, a concepção de tradição de pesquisa por vezes pode ser interpretada como um simples conjunto de argumentos lógicos cujo seus adeptos de forma alienada a ele aderem sem uma consciência de sua importância, significado e direção, pois como afirma MacIntyre

Uma tradição de pesquisa é mais do que um movimento coerente de pensamentos. Ela é um movimento, ao longo do qual, seus adeptos tornam-se conscientes dele e de sua direção e, de modo autoconsciente, tentam participar de seus debates e dar prosseguimento às suas pesquisas. (MACINTYRE, 1991, p.351)

A partir dessa compreensão podemos perceber que uma tradição não vive de movimentos aleatórios, mas que seu percurso é percebido conscientemente por todos que a ela pertencem. Toda tradição para vir a se desenvolver deve estar aberta às críticas que recebe, tanto internamente quanto externamente. Isso vai confirmando aquilo que, dentro da tradição, for sólido e sustentável e, ao mesmo tempo, revelará aquelas incoerências que devem ser removidas. Se tal tradição for capaz de contornar e superar suas incoerências dará mostras de que essa tradição possui condições de seguir adiante, pois sua maturidade foi comprovada diante de tantas concepções diferentes de racionalidades com tantas diferenças, mas também às vezes com tantos pontos concordantes. MacIntyre afirma que alguns teóricos diante dessa dificuldade tentaram ir em busca de um padrão neutro, abrindo mão da tradição para buscarem um padrão universal. Tentaram encontrar algo que esteja presente em todas as tradições, algo que se possa dizer que seja a moralidade universal e que unisse a todas as tradições. Tais teóricos são: Thomas Reid e Dugald Stewart. “Thomas Reid argumentou, contra Hume, que há certas verdades evidentes a quase todos os seres humanos, negadas apenas por detentores de uma mente fraca ou aprisionados por alguma teoria filosófica infundada”. (MACINTYRE, 1991, p.354). Ou seja, a base neutra onde todos em qualquer cultura concordariam como sendo o certo.

Uma outra possibilidade é que, se devemos descobrir qual é a forma do raciocínio prático ou a natureza da justiça, não devemos começar por uma teoria – seja pelas teorias informadas pela tradição, tais como as de Aristóteles e Hume, que estão reagindo parcialmente a pensadores anteriores, seja pelas teorias que tentam um começo inteiramente novo, como as de Reid e Stewart –, mas, no caso do raciocínio prático devemos começar pelos *próprios fatos* sobre a gênese da ação humana e, no caso da justiça, pelas *apreensões mais elementares* do que é a conduta correta. No entanto, esse projeto também acaba por soçobrar. (MACINTYRE, 1991, p.357-358)

As respostas dadas por Reid e Stewart se mostram insatisfatórias na visão de MacIntyre, pois ele crê que não há como ser neutro. Cada um mesmo que negue a tradição e afirme existir uma posição neutra sempre estará adotando um ponto de vista. A prática de uma vida pautada sobre os critérios individuais é fruto do pensamento liberal. O liberalismo tem por consequência direta um relativismo, pois para o liberalismo todos têm que ter a liberdade para decidir sobre qual atitude deve ser tomada sobre seus próprios critérios e não precisa seguir os critérios de outras pessoas.

Todo indivíduo deve ser igualmente livre para propor e viver de acordo qualquer concepção do bem que lhe apraza, derivada de qualquer teoria ou tradição a que ele possa ter aderido, a não ser que essa concepção do bem implique que a vida do resto da comunidade deva ser reformulada de acordo com ela. (MACINTYRE, 1991, p.361)

Segundo a concepção liberal cada indivíduo teria a liberdade para agir conforme seus próprios critérios de justiça e moralidade, sem se preocupar com o julgamento externo vivendo aquilo que acredita ser o mais certo dependendo somente de sua própria consciência, a moral seria relativa pois cada um optaria por múltiplas formas e múltiplas morais, perderia-se todo critério moral, pois cada um viveria conforme sua própria lei, viver de forma livre e liberal podendo a partir da própria consciência assumindo padrões de vida e configurando o seu agir da forma como lhe aprouver sem ser discriminado por agir assim.

Na visão liberalista todos possuem autonomia para agir, pois se acredita que todos somos seres morais e que temos capacidade para decidir e interpretar aquilo que vivemos, pois, como comenta (COSTA, 2010, p.18), “O pressuposto básico do liberalismo é que as pessoas são livres para perseguirem suas próprias concepções do bem, apelando à liberdade de escolha e ao princípio da autodeterminação”. Ao aderir ao pensamento liberalista seria necessário aceitar todos os tipos de concepção de bem, a pretexto de que todos são livres para decidir sobre o que acreditam ser o melhor. Nisso percebemos que o liberalismo tem grande semelhança com o relativismo.

Partindo da exposição dessas quatro importantes tradições, é possível perceber que cada uma deve a sua história à visão racional que possui das realidades. Tendo cada tradição sua própria racionalidade, cada uma foi reagindo aos acontecimentos que a ela se apresentavam e aos conflitos internos e externos que com sua racionalidade teve que combater mostrando que possui argumentos cada vez mais consistentes para garantir e justificar suas práticas. Da forma como avança na pesquisa e no desenvolvimento moral, cada uma serve de auxílio para as outras como uma espécie de referência, que com seus avanços pode contribuir com o crescimento de outra tradição que com ela tem a oportunidade de se confrontar. A história nos faz ver o caminho percorrido por cada tradição e, ao mesmo tempo, as consequências que a falta de reflexão e busca da verdade fizeram ao levar à extinção de tradições que não buscaram a verdade e a moral.

4 A QUESTÃO DO RELATIVISMO

Apesar de ser combatida por alguns filósofos, a corrente relativista, a qual MacIntyre é acusado de ser adepto, embora o mesmo negue tal acusação, não deixa de dar sua contribuição para o debate filosófico. Nessa perspectiva,

O bom relativismo atraiu a atenção para o fato de as representações, as normas e os valores variarem segundo os meios sociais, as culturas e as épocas. O relativismo ruim concluiu disso que as representações, as normas e os valores são destituídos de fundamento: que são construções humanas inspiradas pelo meio, pelo espírito do tempo, por paixões interesses ou instintos. Atribuir uma objetividade às representações, aos valores seria sempre uma ilusão. (BOUDON, 2010, p.7)

O relativismo partiu de uma afirmação positiva sobre a realidade, afirmando que as realidades variavam dependendo do local e do tempo em que se encontravam e, dessa constatação de que o valor das coisas varia dependendo de fatores externos foi se perdendo essa noção de valores. As coisas passaram a ter o valor que cada um nelas pusesse, pois, para a visão relativista, não haveria como medir a validade e nem o valor das coisas por existirem tantas concepções e atribuições de valores diferentes.

Quando MacIntyre apresenta seu pensamento em relação a racionalidade das tradições onde cada tradição se move em busca da verdade e que cada uma possui sua própria visão do agir moral e da Justiça ele é acusado de ser relativista, isto por defender que cada ação ou princípios morais estão justificados dentro de sua tradição. Veremos ao aprofundar no conhecimento de sua teoria que sua visão não corresponde ao pensamento relativista.

4.1 O Que é o Relativismo

MacIntyre em sua obra *Justiça de quem? Qual racionalidade?* Apresenta a objeção relativista em relação ao seu pensamento, referente a racionalidade das tradições, afirmando que:

A Objeção relativista baseia-se na negação de que o debate racional entre tradições adversárias, assim como a escolha racional entre elas, seja possível; a objeção perspectivista questiona a possibilidade de se reivindicar a verdade a partir de qualquer tradição. (MACINTYRE, 1991, p.378)

Nessa colocação feita por MacIntyre podemos perceber que o relativismo diverge totalmente do pensamento do nosso autor, pois, para o relativismo não existe uma verdade a ser

buscada, algo que possa servir de referência para o agir humano, pois toda ação está justificada por aquele que age, a sua ação parte de sua concepção de mundo e sua forma de enxergar a verdade, ou seja, tudo que se faz é relativo e justificado pelo agente da ação. Não existem critérios morais e nem éticos que possam servir de guia para a sociedade, como se não houvesse um fim a ser buscado e o puro agir fosse sua própria lei.

Apesar do pensamento de MacIntyre aparentemente assemelhar-se ao pensamento relativista, ele escapa a essa visão por crer em uma verdade que é objeto de toda tradição. Pois se as tradições caminham e se a cada passo dado na história houve avanços éticos e racionais, então, isso significa que há uma Verdade e não verdades, pois, se seu pensamento fosse relativista não haveria possibilidade de crescimento e desenvolvimento já que só se pode dizer que algo é grande quando comparado a algo que seja menor, e só se pode afirmar que uma tradição é superior a outra se houver um critério para se comparar ambas, porque se tudo fosse relativo não haveria parâmetros para fazer tal afirmação. Como prova disso MacIntyre apresenta a extinção de muitas tradições que foram fruto de conflitos argumentativos e por não serem capazes de apresentarem respostas melhores aquelas apresentadas por sua rival no conflito acabaram por entrar em extinção. Ou seja, se diante de um conflito existem tradições que perdem é porque a outra possuía mais consistência e verdade do que outra, ou seja, não existe relatividade na visão de MacIntyre.

4.2 A visão de MacIntyre e o Relativismo

Para MacIntyre a racionalidade parte da tradição, cada tradição possui sua racionalidade própria, porém essa mesma tradição que serviu de base para a formação do pensamento racional pode ser alterada pela própria racionalidade que dela partiu, ou seja, existe uma verdade objeto de busca de toda racionalidade, a tradição não aprisiona a razão humana e não a fecha em dogmas mas é uma forma de perceber o mundo e suas realidades que lhe dá a oportunidade de desenvolvimento, e se existe esse movimento em cada tradição essa busca é pela verdade, que se conquista em cada conflito com outras tradições, em cada reflexão interna de seus próprios comportamentos, isso quer dizer que a verdade não é relativa pois se tudo fosse igualmente verdadeiro não haveria necessidade de mudanças e não haveria possibilidade nem necessidade de reflexão sobre os próprios comportamentos, não haveria a necessidade da ética.

Podemos notar que muitas tradições foram extintas e o motivo pelo qual foram extintas foi justamente porque elas tinham graves incoerências internas, suas práticas não tinham encontrado dentro dela a verdade que tanto se busca. MacIntyre afirma que:

Afirmar ou concluir isto e não aquilo pode ser racional relativamente aos padrões de uma tradição particular, não racional como tal. Todo conjunto de padrões, toda tradição que expressa um conjunto de padrões, tem tanto direito de reivindicar nossa adesão como qualquer outro. (MACINTYRE, 1991, p.378)

Essa objeção relativista em relação a visão de MacIntyre quer pôr em dúvida a validade do argumento de MacIntyre, o que prevalece aqui não é a visão de uma tradição em relação a outra, pois para o relativismo não existe a racionalidade por excelência, poderemos então aderir a qualquer padrão de racionalidade sem necessariamente de se perguntar qual seria a melhor essa é a posição relativista em relação ao pensamento de MacIntyre. Pois, para aquilo que MacIntyre chama de objeção relativista não há como escolher de forma racional entre qual tradição seria a mais adiantada em relação ao conhecimento da verdade. Todo julgamento humano parte de sua subjetividade, nem sempre concordamos sobre as mesmas coisas e aquilo que observamos pode ser visto por vários ângulos e terá várias percepções. A mente tem essa capacidade de através da percepção dada pelos sentidos julgar as coisas e as situações de diversas formas, aquilo que uma pessoa percebe ou afirma está baseada em seus próprios critérios e pode não ser compatível com a visão de outra pessoa mesmo que estejam na mesma circunstância e diante do mesmo objeto, porém a falha não está no objeto que está sendo observado mas na mente que julga os fatos, pois como afirma MacIntyre:

Uma das grandes intuições originais das pesquisas constituídas pela tradição é que as falsas crenças e os falsos juízos representam um fracasso da mente, e não de seus objetos. É a mente que necessita de correção. As realidades que a mente encontra revelam-se como são apresentadas, manifestas, reveladas. Portanto, a concepção mais primitiva da verdade é a da manifestabilidade dos objetos que se apresentam à mente; e é quando a mente não consegue rerepresentar essa manifestabilidade que a falsidade, a inadequação da mente com relação aos seus objetos, aparece. (MACINTYRE, 1991, p.383)

A mente deve ser corrigida, assim como as tradições mudam e aperfeiçoam abrindo mão de concepções equivocadas e incoerentes de suas crenças, pois no fundo se está caminhando para uma mesma Verdade e as múltiplas visões e pontos de vista quando não discordantes e falsos são complementares, somente são ângulos diferentes de um mesmo objeto cada tradição percebe a realidade de um ângulo e faz afirmações a partir daquilo que percebe e da forma que percebe, nessa perspectiva MacIntyre concebe a mente da seguinte forma:

Como atividade, como enfrentamento com o mundo natural e social em atividades tais como a identificação, reidentificação, a coleção, a separação, a classificação e a nomeação, e tudo isso através de ações tais como tocar, prender, apontar, destruir, construir, chamar, responder e assim por diante. (MACINTYRE, 1991, p.383)

A mente é vista como aquela que enfrenta o mundo e o interpreta, as ideias e compreensões que partem de cada tradição vão se ajustando com o tempo e se conformando com a verdade que é o objeto, pois, é a mente que tem que se ajustar ao objeto e não o contrário, podemos afirmar que algo é falso na medida em que aquilo que se afirma não condiz com o que de fato é, como por exemplo, quando um cachorro preto passa na rua e eu afirmo que está passando um cachorro branco na rua, minha afirmação não encontra correspondência com a realidade que se apresenta, portanto, tal afirmativa é falsa, conforme o pensamento de nosso autor; a verdade em sua visão se dá pela correspondência quando o juízo encontra correspondência com o objeto como podemos ver em sua afirmação:

A relação de correspondência ou de falta de correspondência entre a mente e os objetos encontra expressão em juízo, mas não são os próprios juízos que correspondem aos objetos ou, de fato, a nenhuma outra coisa. Podemos, efetivamente, dizer sobre um juízo falso que as coisas não são como os juízos declaram ser, ou sobre um juízo verdadeiro que a pessoa que o profere diz que o-que-é é e o-que-não-é não é. Mas não há dois itens que podem ser distinguidos, um juízo, por um lado, e aquilo que é retratado no juízo, por outro lado, entre os quais uma relação de correspondência existe ou não. (MACINTYRE, 1991, p.383-384)

Isso pode fazer referência direta com a realidade das tradições que muitas vezes não conseguem perceber a realidade com tanta clareza pôr não possuírem muitas categorias e bagagem técnica e morais para o correto discernimento de suas realidades é nisso que a enriquecimento interno no contato com outras que já estão mais adiantadas nesse processo.

Para MacIntyre a verdade é encontrada ao longo da história, é claro que em alguns períodos não com tanta clareza quanto em outros, mas em determinada época aquilo que se acreditava era perfeitamente racional e verdadeiro, e por isso não podemos julgá-la a partir da compreensão que temos hoje, como um objeto do qual nos aproximamos e podemos perceber detalhes antes não percebidos e na medida em que vamos adquirindo conhecimento e possuímos instrumentos para poder explorá-lo mais segurança e mais propriedade teremos para fazer afirmações sobre Ele. Assim acontece com as tradições ao longo da história.

Fazendo uma analogia, as tradições ao longo da história estão como os planetas diante do sol que é a verdade, alguns estão mais próximos e dele podem perceber mais detalhes como o seu calor e sua luz, outros estão tão distantes que nem sequer seu calor e sua luz podem perceber mas não podemos negar que todos estão diante do mesmo objeto e afirmações verdadeiras podem ser feitas a partir de cada planeta, mas é inquestionável que os que estão mais próximos captam mais e melhor dele do que os que estão mais distantes. Na história, quanto mais o tempo passa, mais próximos da verdade nos encontramos, pois também nos

servimos dos conhecimentos adquiridos ao longo do tempo e como ele nossa racionalidade é enriquecida.

MacIntyre propõe que devemos compreender as visões de cada tradição observando a história cada tradição sabe o porquê de certos hábitos e atitudes que nos parecem estranhos, porém quando se permite olhar sem discriminação para cada tradição se perceberá que existem motivações plausíveis para se agir assim, tudo o que se faz dentro de uma tradição tem o seu motivo, porém, algumas tradições já perderam o sentido do porquê realiza uma ou outra ação, existem duas possibilidades para a tradição manter tais costumes ou ressignificá-lo ou removê-lo da tradição pois tudo o que for estranho ou não possui significado lógico dentro de uma tradição a enfraquece e chegará a um ponto em que ela perdera tanto a força que deixará de existir por não possuir coerência.

Assim como quando estamos a distância de um objeto que a princípio ele nos parece ser de uma cor e formato quando nos aproximamos passamos a perceber detalhes antes não percebidos e podemos fazer afirmações mais seguras sobre o objeto por termos tido mais acesso a este objeto, a nossa aproximação do objeto nos permite tocá-lo sentir sua textura sua cor seu formato e é isso que acontece com o conhecimento adquirido ao longo da história a ele vai ficando mais preciso e podemos assim fazer mais afirmações do objeto o e com mais segurança. As antigas afirmações sobre as coisas que eram tidas por verdade se dá pelo fato de naquele dado momento histórico a mente concebia aquela realidade em particular de uma determinada forma porém com o passar do tempo essa mesma mente que julgava estar certa percebe sua imperfeição e equívoco e por isso passa a afirmar que tudo o que acreditava era falso por perceber que existem compreensões mais perfeitas da realidade pois como nosso filósofo afirma:

Entre aquelas crenças antigas e o mundo tal como eles agora o compreendem, deve-se perceber uma discrepância radical. É a essa falta de correspondência entre o que a mente então julgava e acreditava e a realidade percebida, classificada e compreendida agora, que os membros da comunidade se referem, quando os julgamentos e crenças anteriores são considerados *falsos*. (MACINTYRE, 1991, p.382)

MacIntyre acredita na verdade como correspondência, para ele tudo o que se pode afirmar como falsidade diz respeito aos equívocos da mente que ao julgar uma situação ou um objetos pode julgar e avaliar de forma errada, porém o objeto permanece sendo verdadeiro em se mesmo nisso percebe-se que em uma tradição quando ocorrem falsos juízos foi ao elaborar e construir seu conhecimento e suas crenças que a tradição percebe de forma errada a realidade um fato ocorrido diante de duas tradições terá compreensões e significados diferentes para cada uma é interessante notarmos que a lógica não é o único critério da verdade porque ambas as

tradições podem ter argumentos e compreensões perfeitamente lógicas e aceitáveis, porém uma pode estar mais próxima da verdade que outra.

Essa falsidade é reconhecida retrospectivamente como uma inadequação passada, quando a discrepância entre as crenças de um estágio anterior de uma tradição de pesquisa é contrastada com o mundo de coisas e pessoas, tal como passou a ser compreendido num estágio posterior. Portanto, a correspondência, ou sua falta, torna-se um aspecto de uma complexa concepção em desenvolvimento da verdade. (MACINTYRE, 1991, p.383)

A verdade é o motivo que faz com que todas as tradições reflitam, debatam e se confrontem, pois nessa disputa entre quem está com a razão sobre seus pontos de vista vão surgindo novos questionamentos que serão objeto de pesquisa e assim vai caminhando as tradições no percurso histórico, não podemos deixar de recordar que nesse percurso muitos acertos existem, porém muitos erros também, podem ser encontrados equivoco, porém pode ser corrigido e nenhuma tradição está imune a alterações. A lógica não é capaz de julgar todas as situações humanas pois como afirma MacIntyre:

E nas áreas onde há questões ou assunto comuns a mais de uma tradição, uma dessas tradições pode estruturar suas teses através de conceitos tais que impliquem necessariamente a falsidade das teses sustentadas por uma ou mais tradições, embora, ao mesmo tempo, não existam padrões insuficientes, para que se possa julgar os pontos de vista adversários. As incomensurabilidades lógicas podem, ambas, estar presentes. (MACINTYRE, 1991, p.377)

A lógica não é o único critério a ser usado e ela não é capaz de dar resposta a todos os questionamentos que surgem dentro de uma tradição ela somente dá um suporte sendo indispensável para a razão humana pois tudo que não tem lógica para a razão é imperfeito e inverídico.

Percebe-se na visão de MacIntyre que apesar de existir vários pontos de vista em relação a moral e que cada agir moral dentro de uma tradição é justificada em seu interior, isso não exclui a realidade de existirem visões morais superiores a outras isso para ele só pode ser avaliado dentro de uma pesquisa histórica para que se possa perceber dentro de cada visão o seu real significado

Diante de tantas visões diferentes de moralidade, MacIntyre vê na história a melhor forma de tentar compreender e julgar a superioridade de uma tradição sobre outra nisso percebemos que mesmo diante de várias concepções morais podemos através da pesquisa histórica segundo MacIntyre perceber e avaliar a superioridade de uma visão sobre outra ou seja não é porque um agir tido por moral dentro de uma tradição é justificado por ela, que ela

seja moralmente a mais correta. Quando se observa o motivo pelo qual se age de determinada forma se verifica a lógica existente em cada visão pode-se dizer se o motivo justifica de forma lógica aquele agir.

CONCLUSÃO

No mundo em que vivemos cercados por tantos pensamentos diferentes e concepções contrárias da mesma realidade, muitas vezes nos perguntamos será que todas as referências morais se perderam? Será que não há mais nada de certo de concreto no qual podemos nos apoiar? Enfim, parece não existir mais referências em um mundo com pensamentos tão plurais e, diante disso, há o pretexto para a falta de ética correndo o risco de se cair em um relativismo. Diante de tal caos moral que nossa sociedade enfrenta, surge o filósofo Alasdair MacIntyre, com uma proposta ao mesmo tempo antiga, mas trajada com vestes novas. Trata-se de sua teoria sobre a pesquisa racional das tradições, a busca por encontrar na história os retalhos da ética e tentar montar esse quebra cabeça que estar com suas peças soltas e perdidas no mundo para dar forma a esse quebra cabeça da ética e devolver a forma que havia antes. Ele recorre a teoria de Aristóteles mas não somente quer aconselhar que voltemos a tal ética mas que a coloquemos tal ética no contexto atual para que se possa retornar aquela busca das virtudes e sair do individualismo para se pensar no bem comum e não somente no bem particular, pois o individualismo fez muito mal a nossa sociedade e a ética no pensamento de MacIntyre nos faz refletir sobre o respeito que devemos ter pelos pensamento divergentes e olhar as diferentes visões como fonte de enriquecimento e conhecimento, pois cada tradição tem algo a ensinar e a contribuir com o crescimento e fortalecimento das outra e que a verdade deve ser buscada por todos e isso se fará em conjunto com os demais, pois todo conhecimento só pode ser conquistado no diálogo e no confronto com ideias divergentes até que se encontre um ponto em comum.

Uma grande contribuição que MacIntyre faz para a discursão ética é a de reafirmar que existe uma verdade a ser perseguida pois diante de uma sociedade que se tornou cada vez mais relativista e que aos poucos vai deixando de refletir sobre seus atos e sobre o rumo que vai tomando a sua história e as consequências que seus atos está trazendo e trará para as gerações vindouras sobre a degradação biológica ambiental e moral em que se encontra nossa sociedade e que a busca pelos próprios interesses estão desvirtuando a política e causando divisões e desigualdades sociais, é necessário se fazer uma seria reflexão ética sobre os comportamentos e o agir dos indivíduos de nossa sociedade, as bases nas quais está sendo construindo a ética em nosso tempo, está sendo um alicerce frágil inconstante e imperfeito, sujeito a quebras e sua ruína está acontecendo como o passar do tempo. MacIntyre nos ajuda a refletir sobre nossa realidade e buscar uma direção lançando luz sobre os problemas éticos que enfrentamos.

Percebemos que nossas leis estão se desvirtuando e perdendo sentido, a corrupção que surge de uma vida que não pensa no bem comum, mas que sempre está em busca do bem individual. Em sua obra *Justiça* de quem qual racionalidade obra base de nosso trabalho MacIntyre espõe seu pensamento e fala sobre a racionalidade das tradições, a humanidade persegue um ideal e esse ideal depende de um caminho que deve ser de coerência e de ética, a sociedade se vê sem parâmetros e tudo o que vemos ao nosso redor são discursos infundáveis que parecem só aumentar, o desenvolvimento da técnica e os avanços parecem não obedecer a uma lógica e não possui mais sentido, o chamado desenvolvimento não conhece fronteiras e parece não ter nenhuma lei que o possa reger.

REFERÊNCIAS

- MACINTYRE, Alasdair. *Depois da virtude: Um estudo em teoria moral*. Trad. Jussara Simões. Bauru, SP, EDUSC, 2001.
- MACINTYRE, Alasdair. *Justiça de quem? Qual Racionalidade?* Trad. Marcelo Pimenta Marques. São Paulo: Loyola, 1991.
- LAURO, Nedilso Brugnera. *Tradição e relativismo moral em Alasdair MacIntyre*. 179f. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2015.
- DAMASCENO, Marques Márcia. *Tradição, razão e verdade na filosofia moral de Alasdair MacIntyre*. 97f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- COSTA, Jardel de Carvalho. *A crítica ao liberalismo na filosofia de Alasdair MacIntyre*. 140f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2010.
- BOUDON, Raymond. *O Relativismo*. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2010. p.7.